

# O ESTRANHAMENTO, ANSEIOS E DÚVIDAS QUE SURGEM ATRAVÉS DA INVESTIGAÇÃO – AÇÃO DA PRÁTICA ESCOLAR<sup>1</sup>

Helenice de Ávila Tavares<sup>2</sup> - UFPel  
CAPES/INEP

Eixo 9: Alfabetização e letramento nos anos iniciais (ensino de nove anos, progressão continuada, processos de alfabetização e letramento)

**Resumo.** Este artigo tem por base um dos subprojetos que vem sendo desenvolvido no âmbito do Observatório da Educação, na EMEF Dr. José Maria da Silveira. Tem como temática “A relação escola/família e a alfabetização e letramento dos estudantes”. Neste artigo, busca-se refletir sobre os primeiros resultados da investigação, que se deu através do mapeamento dos indivíduos da pesquisa. Na reflexão sobre os dados busca-se entender como aparecem os sujeitos no contexto escolar e quais as suas relações (ZUNINO e PIZANI, 1995), contextualizando com os conceitos de alfabetização e letramento de (TFOUNI, 1995). Utiliza-se (HOFFMANN, 2009) para discutir a avaliação como perspectiva construtivista, um processo que envolve escola, professor e aluno. Por fim, (CHARMEUX, 1995), nos traz alguns elementos para entendermos o papel da família no processo de escolarização. Nas conclusões, aponta-se para a fragilidade do processo de avaliação na escola, e a dificuldade da realização de uma avaliação de forma integral. Também se aponta para a necessidade da busca de novos conhecimentos por parte dos professores.

**Palavras-chave:** letramento e alfabetização, avaliação escolar, família.

## Introdução

A EMEF Dr. José Maria da Silveira foi fundada em 13 de março de 1953, como Escola Rural Isolada do Passo da Cruz, sendo nesse período administrada pelo Estado. Apenas em 1970, por meio do Convênio PRADDEM, passa a ser administrada pelo município, e em 1997, passa a ser Escola Polo, atendendo a 7 (sete) Assentamentos, denominando-se Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. José Maria da Silveira.

A escola está situada no 2º distrito do município de Piratini, na localidade Passo da Cruz, e funciona em único horário, iniciando suas atividades às 9h da manhã e encerrando às 13h35min da tarde. Esse calendário se modifica nos meses de julho a setembro, quando então, o horário de funcionamento é das 9h30min às 14h05min. A troca de horário nesses meses acontece devido ao período de baixas temperaturas e chuva, que dificulta a presença dos alunos. Essa modificação nos horários proporciona e facilita o acesso dos alunos à escola.

---

<sup>1</sup> Trabalho no âmbito do Observatório da Educação – CAPES/INEP - Núcleo RS

<sup>2</sup> Professora do Ensino Fundamental do Município de Piratini, bolsista do Observatório da Educação - Núcleo RS.

Entretanto, os professores e funcionários trabalham, diariamente, 25 (vinte e cinco) minutos a mais, para registrarem nos dois sábados letivos do mês. A Escola atende ao público de 07 (sete) assentamentos, o que corresponde a 80% do seu quadro de estudantes, além de pequenos agricultores do entorno, perfazendo 20% dos alunos, chegando ao total de 319 alunos.

A Escola Dr. José Maria da Silveira, por apresentar um IDEB 3,6 no ano de 2009 (PROJETO OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2010), e por estar na zona rural e ser caracterizada de assentamento, foi escolhida e convidada a participar do projeto do Observatório de Educação do Campo, núcleo Rio Grande do Sul, que tem como um de seus objetivos, investigar as implicações da alfabetização e letramento dos professores no processo de alfabetização e letramento dos alunos.

Este artigo tem como base o subprojeto, cujo tema é: A relação escola/família e a alfabetização e letramento dos estudantes. Busca investigar a relação existente entre o acompanhamento das famílias no processo ensino/aprendizagem das crianças e o desempenho escolar das mesmas. As questões norteadoras partem das seguintes indagações: Será que o acompanhamento das famílias no processo escolar dos filhos ajuda na garantia da aprovação e o bom desempenho escolar? Que outros fatores interferem no desempenho escolar das crianças?

A concepção de pesquisa está ancorada na *investigação-ação*, de acordo com a proposta do Projeto Observatório de Educação do Campo (2010), que se baseia nos autores Grabauska e De Bastos (2001), que caracterizam a investigação-ação educacional em uma perspectiva crítica e como possibilidade na prática educativa.

Quanto ao desenvolvimento da pesquisa desse subprojeto na Escola, optou-se por realizar o acompanhamento de estudantes de uma turma de segundo ano das séries iniciais, dando continuidade nos próximos anos permitindo, assim, o acompanhamento da mesma turma até o 5º ano de escolarização.

Como instrumentos de coleta de dados são utilizados o caderno de campo, para as anotações das conversas com os alunos e dos elementos observados nas visitas às famílias, mapeamento dos sujeitos da pesquisa e visita “in loco” aos pais da pesquisa para realização de entrevista semiestruturada.

Neste primeiro momento do projeto já foi realizado o mapeamento dos sujeitos da pesquisa em seus 1º e 2º ano de escolarização, encontrando os 5 (cinco) alunos com maior

desempenhos e os 5 (cinco) alunos com menor desempenho. Assim, farão parte da segunda parte da pesquisa, as 10 famílias dos alunos mapeados, com as quais será realizada entrevista semiestruturada *in loco*.

Este artigo apresenta o percurso percorrido neste primeiro momento de pesquisa e busca refletir sobre os primeiros dados.

## **1 Levantamento e sistematização dos primeiros dados da pesquisa**

Para a realização da pesquisa esta sendo feito o acompanhamento de uma turma específica do Ensino Fundamental. A turma, no ano de 2012, está no 3º ano e tem um total de 34 alunos. Analisei somente 20 alunos, os que permaneceram juntos no 1º ano (2010) e 2º ano (2011). A escolha pelos que permanecem juntos nos dois primeiros anos de escolarização é porque os alunos variam de um ano para outro pela saída e entrada de novos. E criando este grupo de alunos será possível o acompanhamento nas outras etapas da pesquisa, na medida em que se pretende seguir no ano de 2013 e 2014 com o mesmo grupo de alunos, independentemente de seu avanço para o ano seguinte ou não. A opção metodológica da delimitação do grupo tem como objetivo qualificar o instrumento de pesquisa para o acompanhamento do processo de aprendizagem destes alunos. Pretendo observar os avanços e retrocessos na escolarização desses alunos e demais aspectos que permeiam o processo de alfabetização e letramento.

Realizei o mapeamento dos sujeitos utilizando os mapas de avaliação do 1º ano (2010) e 2º ano (2011), criando uma planilha (fig. 1 e fig. 2) para fazer a média dos alunos e classifiquei pela ordem alfabética, desta forma o aluno que representa o “aluno a” será o mesmo no ano de 2010, 2011 e em todas as aparições da pesquisa. Desta forma foi possível perceber se os alunos mantêm o desempenho, ou melhor, se há coincidência entre os alunos com maior desempenho e menor desempenho nos dois anos de escolarização, e mais ainda, se o acompanhamento ou não das famílias, em seu processo de escolarização, tem influência nos seus resultados escolares.

Fig. 1. Tabela de sistematização de dados do 1º ano (2010)

Nome do Aluno	Nota 1º	Nota 2º	Nota 3º	Media
	Trimestre	Trimestre	Trimestre	Anual
	2010			
Aluno a	93,00	83,00	80,00	85,33
Aluno b	95,00	100,00	100,00	98,33
Aluno c	95,00	100,00	100,00	98,33
Aluno d	100,00	100,00	100,00	100,00
Aluno e	100,00	100,00	100,00	100,00
Aluno f	63,00	93,00	100,00	85,33
Aluno g	98,00	100,00	100,00	99,33
Aluno h	58,00	100,00	100,00	86,00
Aluno i	100,00	100,00	100,00	100,00
Aluno j	100,00	100,00	100,00	100,00
Aluno l	90,00	100,00	100,00	96,67
Aluno m	98,00	100,00	100,00	99,33
Aluno n	68,00	100,00	100,00	89,33
Aluno o	90,00	100,00	100,00	96,67
Aluno p	100,00	100,00	100,00	100,00
Aluno q	95,00	100,00	100,00	98,33
Aluno r	90,00	100,00	100,00	96,67
Aluno s	98,00	100,00	100,00	99,33
Aluno t	100,00	100,00	100,00	100,00
Aluno u	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: documentos escolares (mapas de avaliação) do ano de 2010

Fig. 2. (Tabela de sistematização de dados do 2º ano 2011)

Nome do Aluno	Nota 1º	Nota 2º	Nota 3º	Media
	Trimestre	Trimestre	Trimestre	Anual
	2011			
Aluno a		67,00	61,00	64,00
Aluno b		94,00	84,00	89,00
Aluno c		75,00	55,00	65,00
Aluno d		97,00	98,00	97,50
Aluno e		99,00	100,00	99,50
Aluno f		90,00	85,00	87,50
Aluno g		86,00	82,00	84,00
Aluno h		65,00	53,00	59,00
Aluno i		65,00	45,00	55,00
Aluno j		100,00	96,00	98,00
Aluno l		77,00	81,00	79,00
Aluno m		74,00	67,00	70,50
Aluno n		95,00	88,00	91,50
Aluno o		88,00	75,00	81,50
Aluno p		82,00	64,00	73,00
Aluno q		95,00	94,00	94,50
Aluno r		72,00	70,00	71,00
Aluno s		78,00	82,00	80,00
Aluno t		91,00	94,00	92,50
Aluno u		95,00	88,00	91,50

Fonte: documentos escolares (mapas de avaliação) do ano de 2011

Quanto à avaliação, no primeiro ano foi feita através de parecer, mas foi transformada em nota, pela exigência legal da Secretaria Municipal de Educação, através da adoção do seguinte critério: eram vinte itens, subdivididos em cinco partes: formação social e pessoal, condutas psicomotoras, linguagem oral, linguagem escrita e lógica matemática. Os itens foram divididos em três eixos de avaliação: *sim*, *não* e *em partes*. Para cada eixo foi atribuído uma pontuação, tendo todos os itens somados ao valor 100 (cem). Dessa maneira, o *sim* = 5 (cinco) pontos, o *não* = 0 (zero) pontos, e *em partes* = 2,5 (dois vírgula cinco) pontos. No segundo ano a avaliação dos alunos foi feita através de parecer no primeiro trimestre. Este parecer não tem itens de avaliação previamente estabelecidos, ele é feito pelo próprio professor, desta forma, fazendo um parecer único a cada aluno, não tendo como transformá-lo em nota, pois não há critérios norteadores, tendo as notas somente no segundo e terceiro

trimestre. Sendo assim, foi considerado o segundo e terceiro trimestre para a realização da média, tendo em vista que não haveria prejuízos aos alunos, pois seria feita a média dividindo por dois.

As maiores e menores médias são resultantes dos cruzamentos das médias finais de 2010 e 2011. Partindo desse resultado foi dado seguimento à pesquisa, focando nos alunos que apresentaram os dados buscados, trabalhando com os alunos d, e, j, q, t com maior rendimento e os alunos a, c, h, i, r com menor rendimento, buscando realizar as intervenções e reflexões com a escola e a família.

Fig. 3 Tabela de cruzamento dos dados do 1º ano (2010) e 2º ano (2011). Resultado: Cinco maiores e cinco menores médias.

Nome do aluno	Média 1º ano – 2010	Média 2º ano - 2011	Média Final 2012
<i>Aluno a</i>	85,33	64,00	74,67
Aluno b	98,33	89,00	93,67
<i>Aluno c</i>	98,33	65,00	81,67
<b>Aluno d</b>	100,00	97,50	<b>98,75</b>
<b>Aluno e</b>	100,00	99,50	<b>99,75</b>
Aluno f	85,33	87,50	86,42
Aluno g	99,33	84,00	91,67
<i>Aluno h</i>	86,00	59,00	72,50
<i>Aluno i</i>	100,00	55,00	77,50
<b>Aluno j</b>	100,00	98,00	<b>99,00</b>
Aluno l	96,67	79,00	87,83
Aluno m	99,33	70,50	84,92
Aluno n	89,33	91,50	90,42
Aluno o	96,67	81,50	89,08
Aluno p	100,00	73,00	86,50
<b>Aluno q</b>	98,33	94,50	<b>96,42</b>
<i>Aluno r</i>	96,67	71,00	83,83
Aluno s	99,33	80,00	89,67
<b>Aluno t</b>	100,00	92,50	<b>96,25</b>
Aluno u	100,00	91,50	95,75

Alunos em negrito **maior rendimento**, alunos em itálico *menor rendimento*.

Fonte: documentos escolares (mapas de avaliação) do ano de 2010 e 2011.

## 2 Refletindo sobre os dados: mais dúvidas do que respostas

Na análise dos pareceres e notas veio à primeira surpresa, pois foi possível perceber os avanços de alguns e ao mesmo tempo, àqueles que tiveram seus rendimentos em um processo retroativo. Nos alunos de maior média, quatro tiveram uma constância de resultados no primeiro e segundo ano e um aluno obteve, no segundo ano, um resultado tão significativo que avançou mesmo que no primeiro ano não estivesse entre as melhores médias. Entre os alunos com as menores médias, dois mantiveram uma constância de resultados. Dois oscilaram, tendo a menor média, no primeiro ou no segundo ano. E um obteve o rendimento tão abaixo no segundo ano que, mesmo tendo ficado entre os cinco melhores no primeiro ano, obteve a menor média com o cruzamento de dados. O que pode estar influenciando tais rendimentos?

Foi possível perceber através do cruzamento de dados que os alunos do primeiro ano têm os seus rendimentos maiores, do que no segundo ano de escolarização. Através desse levantamento, questiona-se: Quais fatores podem estar influenciando nesses resultados?

Nas reflexões, a partir de dados coletados, que surgiram de avaliações já estabelecidas em anos anteriores, deparou-se com muitas incertezas do processo de ensino aprendizagem dos alunos, que estão em fase de alfabetização e letramento, etapa importante para formação integral e social dos mesmos. O questionamento enquanto professora é: Como avaliar os alunos que vem de diferentes espaços e vivências? Como valorizar suas histórias de vida?

Zunino e Pizani (1995. P 64), em seu texto “A avaliação no processo de aprendizagem” trazem uma citação de Alves e Gerais (1988) onde estes assinalam que:

Neste processo, estão em jogo o que ensina o que aprende e o contexto no qual se dá o ensino. O que ensina traz consigo sua história de vida, que é parte da história de seu grupo socioeconômico cultural, além das teorias que fundamentam seu trabalho e que influem em sua forma de pensar e aprender. Aquele que aprende traz sua história de vida e de grupo, que influi em sua forma de pensar e aprender. Do contexto fazem parte a relação entre a escola e o sistema oficial de ensino, a relação entre a escola e as famílias, a relação entre a escola e a comunidade, a relação direção/especializados/professores/pessoal subalterno, as formas de organização física e administrativa da escola, o planejamento, os conteúdos, os métodos, os livros didáticos, as formas de avaliação.“

Em um espaço escolar, todos os sujeitos se complementam e delimitam papéis. Estes papéis se interligam. Mas será que a dinâmica que envolve a escola não está tão “automatizada”, que naturaliza a compreensão dos sujeitos? Os professores quando trabalham alfabetização e letramento com os alunos, percebem o seu letramento e alfabetização?

Sobre o letramento, Tfouni (1995, p.9) nos coloca que:

(...) O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas.”

Compreende-se que letramento e alfabetização se diferenciam na medida em que:

(...) A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. (TFOUNI, 1995, p.9)

Estes conceitos deveriam estar presentes na prática de todos os educadores, para assim mudar a forma de receber os alunos que chegam à escola e se deparam com um sistema “moldado” e diante de suas dificuldades ainda buscam adaptação ao novo. Refletimos, se a escola e o sistema oficial de ensino pensam em como receber os alunos, em um espaço que valoriza seus conhecimentos prévios, aliados a um ensino que busque agregar a comunidade e as relações existentes no âmbito escolar? Será que a escola pode garantir esses espaços com qualidade? Ou gastamos nosso tempo com tentativas frustradas de acertos e erros? Será preciso reavaliar os espaços escolares?

E quando avaliamos os alunos, o que avaliamos? Como estabelecer critérios avaliativos às diferentes possibilidades de aprendizagens que nosso aluno traz consigo, ou espera que a escola, como um espaço plural, possa oferecer. Pensando desta forma será que em muitos casos já não ‘matamos’ as possibilidades dos educandos em seus primeiros anos de escolarização? Possibilitamos aos alunos uma formação plena, ou uma formação que os “regulam” para viver em sociedade?

Observando os mapas avaliativos se obteve mais facilidade de enxergar os alunos através do parecer realizado no 1º ano, pois ele fornece mais elementos e completude ao processo. Através do parecer é possível ver os alunos por diferentes aspectos, possibilitando ao professor avaliar o aluno de forma mais integral. Através da observação no espaço escolar e em conversar informais com os professores percebe-se que existe receio por parte dos mesmos, em realizar a avaliação quando o instrumento é o parecer. Questiona-se: será que os critérios avaliativos que compõem os pareceres estão bem delimitados na escola? E qual é a compreensão dos professores sobre esses critérios? Não estão os professores, em constante processo de avaliação, quando em sala de aula? Hoffmann (2009, p.15) nos coloca que: “(...) Um professor que não avalia constantemente a ação educativa, no sentido indagativo,



investigativo do termo, instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais”.

A escola, quando trata de avaliação se burocratiza, em virtude de prazos, metas e índices. Então, quando Hoffmann (2009 p 15) coloca que “os educadores percebem a ação de educar e avaliar como dois momentos distintos e não relacionados”. Nos faz pensar o quanto o avaliar tem o mero sentido de medir. Para que se tenha uma avaliação com resultados significativos faz-se necessário que o educador perceba e tenha o entendimento que a ação de avaliar não é isolada e delimitada, esta é sim ampla e corresponde a todos os espaços escolares.

Com relação ao envolvimento das famílias no processo de escolarização, questiona-se: As famílias estão cientes do rendimento escolar de seus filhos? Qual será o acompanhamento que as famílias fazem ao processo de escolarização de seus filhos? Terão as famílias condições materiais, de tempo e de conhecimento para realizar o acompanhamento? As famílias percebem quais são seus espaços na escola?

Faz-se necessário colocar à família o seu papel, que é de estar presente no espaço escolar, acompanhar seus filhos nas tarefas, mas de maneira a provocá-lo, mostrar o caminho do conhecimento, fazendo com que haja o reconhecimento para a família, e que a mesma enxergue que sua colaboração traz êxito ao processo. A escola precisa estar atenta para que os pais não virem meros repetidores do trabalho da escola. A citação abaixo, nos ajuda a compreender qual o papel dos pais/família na escola.

(...) colaboração não quer dizer repetição: os pais não têm que se considerar repetidores do trabalho escolar. A relação que une à escola não é nem de concorrência, nem de dependência. É uma relação de complementariedade na qual cada um tem sua especificidade. (CHARMEUX, 1995 p.114).

A escola deve estar aberta a essas discussões, muitas vezes as famílias agem inconscientemente, por quererem ajudar os filhos, acabam pouco contribuindo. Aquelas famílias que por inúmeros motivos não conseguem fazer esse acompanhamento requerem que a escola chame a sua atenção sobre o processo e quais as suas participações. E quando falamos em avaliação, muitos pais pensam logo em notas melhores. É tarefa árdua, mas essencial, mostrar todas as possibilidades em torno de uma avaliação, ter clareza nos critérios e abertura para o entendimento dos pais. O conselho de classe, quando potencializado é um espaço fundamental na relação escola/família no sentido de um acompanhamento conjunto na divisão de papéis no acompanhamento a aprendizagem das crianças. Segundo Charmeux

(1995, p 125) “prestar atenção não às notas ou em resultados desse tipo, mas nas habilidades novas que a criança adquire”. Isso nos remete a um olhar diferente para a criança e a acreditar em seus progressos, em suas potencialidades e isto se da com a união da família e escola. A presença da família causa na criança uma segurança, um bem estar, ficando mais livre e aberta aos novos conhecimentos.

### **Algumas considerações**

Tendo em vista a dimensão do espaço escolar e suas relações, a análise feita leva- nos a perceber que o processo de aprendizagem é amplo e complexo. Mas, ao mesmo tempo, que há espaços para discutirmos a alfabetização e letramento do aluno e professores na escola, quando nos alicerçamos em sua realidade, aliando a tudo isso um olhar crítico sobre a postura do SER professor e de como podemos transformar essas práticas, a partir de ações diárias, construindo um novo espaço na escola tendo o aluno como sujeito de seu tempo e aprendizagem. Para tanto, a ação pedagógica tem que ir além dos “muros” da escola, para articular-se com as famílias dos alunos, ampliando os espaços de construção coletiva do processo de ensino e aprendizagem. A integração da família no processo é, pois, fundamental para uma formação de qualidade.

### **Referências Bibliográficas**

- CHARMEUX, Eveline. **Aprender e ler: vencendo o fracasso**. Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. 2ª Ed. São Paulo: Cortez; 1995.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 40ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- PROJETO OBSERVATÓRIO EDUCAÇÃO DO CAMPO** – Núcleos em rede. UFSC, UFPEL, UTP. 2010
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.
- ZUNINO, Delia Lerner de e PIZANI, Alicia Palacios de. **Aprendizagem da língua escrita na escola: Reflexões sobre a proposta pedagógica construtivista**. 2º Ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.